

**FACULDADE COMUNITÁRIA DE PEDAGOGIA DA SERRA  
REDE DE ENSINO DOCTUM**

**MARILENE TEIXEIRA LOPES**

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: O PAPEL DO PEDAGOGO  
ENQUANTO CORDENADOR DE DISCIPLINA**

**MARILENE TEIXEIRA LOPES**

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: O PAPEL DO PEDAGOGO  
ENQUANTO CORDENADOR DE DISCIPLINA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade Comunitária de Pedagogia da Serra – Rede de Ensino Doctum, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Lilian Menenguci.

**Serra  
2013**

**MARILENE TEIXEIRA LOPES**

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:  
MEDIÇÃO CONFLITO NO ESPAÇO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Serra da Rede de Ensino Doctum, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 10 de julho de 2013, pela banca composta pelos professores:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilian Pereira Menenguci

---

Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Msc Dorcas Rodrigues de Silva de Recamán

---

Aluna: Marilene Teixeira Lopes Souza

### ***Dedicatória***

Dedico este trabalho ao meu esposo, companheiro, amado e amigo *José Roberto*;

Aos meus filhos maravilhosos, que o Senhor me deu, e que tanto amo: *Thiago e Amanda*;

A orientadora *Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilian Menenguci* que, com dedicação e sabedoria, nos orientou para que o estudo fosse construído.

### ***Agradecimentos***

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, e a minha família que em todos os momentos estiveram me apoiando nesta caminhada;

A todos os amigos de modo geral;

As minhas companheiras de sala, meus sinceros agradecimentos, pela trajetória que passamos juntas: alegrias, tristezas, dificuldades e conquistas. Vocês foram, e sempre serão, muito especiais para mim!

Este é um sonho que está se realizando em minha vida. Um vitória que sem a ajuda de todos seria impossível. Muito obrigada!

Que a paz e a felicidade nos acompanhem nesta caminhada que se inicia.

## RESUMO

Nosso estudo visa compreender a mediação do Coordenador Pedagógico frente aos conflitos no espaço escolar, tendo como justificativa o fato de que a temática (in) disciplina permeia o contexto e as relações entre os discentes, docentes, profissionais da escola e familiares. Optamos pela pesquisa de campo e utilizamos o questionário como instrumento de coleta de dados. Os sujeitos da pesquisa foram quinze alunos, cinco professores e oito coordenadores disciplinares, de uma escola pública municipal e uma escola da rede privada. Nosso arcabouço teórico baseou-se em Foucault, La Taille et al, Aquino e outros, que contribuem de forma interessante sobre a questão em foco. E assim concluímos que é preciso considerar as causas da indisciplina, bem como os significados das atitudes indisciplinadas, que demonstrou respostas até então 'escondidas', e que as regras e dispositivos utilizados para 'conter' a indisciplina precisam ser mais bem trabalhados junto aos discentes. Na expectativa de iniciar uma caminhada para melhor atuação do Coordenador de disciplina é que se deu nosso empenho.

**Palavras-chave:** (In) Disciplina; Regras; Coordenador de Disciplina.

## **ABSTRACT**

Our study aims to understand the mediation of Pedagogical Coordinator forward to conflicts at school, having to justify the fact that the subject (in) discipline permeates the context and relationships among students, teachers and school professionals. The authors chose the field and use the questionnaire as a tool for data collection. The subjects were fifteen students, five teachers and eight disciplinary coordinators, a municipal public school and a private school. Our theoretical framework was based on Foucault, La Taille, Fair, Aquinas, and others who contribute interesting about the issue in focus. And so we conclude that it is necessary to consider the causes of indiscipline, as well as the meanings of indisciplinares attitudes, responses showed that hitherto 'hidden', and that the rules and devices used to 'contain' indiscipline need to be worked with the students so more participatory. And in anticipation of starting a hike to better performance of the Coordinator of discipline as a mediator of these conflicts is that given our commitment.

**Keywords:** (In) Discipline; Rules; Discipline Coordinator.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>1 – (IN) DISCIPLINA ESCOLAR: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIAL</b>	11
<b>2 – ASPECTOS CONCEITUAIS</b>	17
<b>3 – O PAPEL DO PEDAGOGO ENQUANTO COORDENADOR DE DISCIPLINA</b>	21
<b>4 – ORGANIZAÇÃO E CULTURA DA ESCOLA</b>	23
<b>5 – METODOLOGIA</b>	28
5.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	28
5.2. SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO	29
5.3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	29
5.3.1 Questionário	30
<b>6 – DA COLETA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b>	31
6.1. CATEGORIA ALUNOS	34
6.2. CATEGORIA PROFESSORES	41
6.3. CATEGORIA COORDENADORES	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	51
<b>REFERÊNCIAS</b>	54



## INTRODUÇÃO

Falar de (in) disciplina é fundamental para entendermos o que está acontecendo com nossos alunos e professores no ambiente escolar, refletindo também nas comunidades e nas famílias. Por esse motivo, entendo ser de suma importância refletir sobre a temática proposta.

O interesse no aprofundamento desta temática surge das implicações que permeiam o dia a dia do contexto escolar. Nesse espaço observam-se as dificuldades enfrentadas nas relações entre alunos, educadores e família, demandando uma atuação a mais ao Coordenador Pedagógico, que precisa agir diretamente nos conflitos, como mediador para (e na) a manutenção da ordem.

Através da pesquisa bibliográfica foi possível verificar as contribuições de renomados autores sobre a temática, tais como La Taille et al, Foucault, Justo e Aquino. Apesar de abrangente, não foi tão fácil encontrarmos estudos relacionados ao papel específico do Coordenador, onde concluímos que a (in) disciplina é um comportamento que no contexto escolar, no encontro e desencontro dos relacionamentos, evidencia-se positiva ou negativamente.

Nesse sentido podemos dizer que a escola, bem como seus atores, precisa estar preparada para dar conta de mediar essa questão. Nesse caminho, nosso propósito é compreender a mediação do Coordenador Pedagógico frente aos conflitos no espaço escolar. Para tanto questionamos professores, alunos e coordenadores, sobre a temática (in) disciplina, onde se concluiu que tal problemática preocupa tanto os docentes quanto os discentes, pois, gera transtornos, causando angústia e apreensão em todos.

A escola é mediadora do saber, dos valores e do conhecimento, assim espera-se da mesma que seja um espaço que contribua com essa educação e formação do indivíduo, na aprendizagem e formação consciente, promovendo ao aluno uma autoestima e um interesse para que o leve a confiar e acreditar em si, sendo capaz de conviver com as regras de conduta imposta pela escola (ou pela sociedade) para uma melhor convivência e aprendizado de professor e alunos dentro da sala de aula e espaço escolar.

O autor De La Taille (1992, p.22) afirma que,

A indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente as “falhas” psicopedagógicas, pois, está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa.

E segundo Lakatos (1994 p.32) “é preciso inserir a criança no convívio social, para que desde pequena coopere com os outros”. Pensar em uma escola onde a disciplina é necessária e acontece, onde o comportamento dos alunos em sala de aula é algo que precisa ser observado para um melhor entendimento é pensar em uma organização que permita que esses alunos, desde muito cedo convivam e vivam com regras claras e lógicas quanto à disciplina.

Falar sobre a (in) disciplina no contexto escolar não é tarefa simples, pois docentes e discentes são indivíduos de épocas diferentes, de tempos educacionais diferentes, que passaram por muitas mudanças. A necessidade de regras, normas e leis sempre existiu, e existiram, porém, com as mudanças ocorridas na sociedade, tal conceito torna-se inacabado, necessitando de alterações para uma melhor compreensão e aceitação de alguns comportamentos que engloba.

Mediante o exposto nosso estudo divide-se em: *Uma análise histórica e social sobre a (in) disciplina escolar; Aspectos conceituais; Sobre o papel do pedagogo enquanto coordenador de disciplina; Organização e cultura da escola; Metodologia e Análise e interpretação dos dados*, e finalmente elaboramos algumas considerações finais contribuindo para maiores discussões e estudos sobre a (in) disciplina.

## 1 - (IN) DISCIPLINA ESCOLAR: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIAL

Ao iniciarmos os estudos sobre disciplina nos deparamos com um histórico sombrio e triste, pois o objetivo máximo que é o de transformar, modificar, educar, quase nunca foi alcançado com facilidade. Tanto que na leitura do autor Michael Foucault, em *“Vigiar e Punir”*, (1987, p.7), observamos claramente que os séculos guardam história onde *“a execução pública é vista então como uma fornalha em que se acende a violência”*, porque mesmo com exemplos de punições horrendas, os crimes continuaram acontecendo reafirmando que o modelo de punição para tais *“indisciplinas”* era falido e precisavam ser reformulados.

As prisões, durante o século XVIII, eram cheias de condenados que certamente iriam morrer, nos chamados suplícios. Por certo as cenas eram repugnantes: as forcas, o pelourinho, o patíbulo, o chicote, a roda, [...] eram considerados como as marcas da barbárie dos séculos e dos países [...] (B. RUSH, 1935 apud FOUCAULT, 1987, p. 8).

No início do século XIX vemos uma mudança na forma de punição, que passa a ser feita às escondidas. Emergem os castigos como trabalho forçados e as prisões, somando *“certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra, etc.”* (FOUCAULT, 1987, p. 13).

Tal *“afrouxamento da severidade penal”* trouxe um questionamento bastante plausível: como não é mais ao corpo que se dirigia a punição, sobre o que se exerce, então, tal punição? A resposta é dada pelos teóricos, e inscrita na própria indagação, pois não é mais o corpo, é a alma. *“A expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, sobre o desejo, as disposições”*. Mably (1789, apud FOUCAULT, 1987, p.14) formulou o princípio decisivo: *“Que o castigo, se assim posso exprimir, feria mais a alma do que o corpo”*.

Sendo assim, observa-se que o objetivo da punição pela indisciplina permeia aspectos psicológicos, físicos e sociais, o que nem sempre significa dizer que há *“correção”* ou arrependimento.

Baseando-nos, ainda, nos escritos de Michael Foucault (1987), é possível vislumbrar uma comparação “perfeita” que o autor fez das escolas com os quartéis onde a temática central é a (in) disciplina.

O autor inicia seus argumentos determinando que a disciplina “*fabrica [...] corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”* (p. 136)”. E ainda complementa:

Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 1987, p. 140).

Vejamos, então, que tal (in) disciplina pôde (e pode) ser observada nos colégios, nas escolas primárias, nos espaços hospitalares e também na organização militar. E através dos regulamentos, inspeções e controles era (e é) possível desenvolver a disciplina em detrimento (ou prevenção) à indisciplina (grifo nosso).

Foucault (1987, p. 141) diz que a “*disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço*” e, que para mantê-la ou cultivá-la é preciso se valer de diversas técnicas. De acordo com o autor, seriam três técnicas, das quais descreveremos, a saber:

1ª - O limite físico – Que pressupõe ao limite verbal, pessoal, mental, coercitivo, existente na cerca ou nos muros, enquanto delimitação do espaço, “*especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo*”(p.141). O modelo de convento e/ou internato pode ser observada nos colégios, inclusive até hoje, século XXI.

Nas escolas observa-se a delimitação dos espaços a partir das construções. Destacam-se os espaços destinados à segurança, os espaços destinados aos educandos diferentes dos educadores, e diferentes dos gestores, enfim a delimitação dos espaços físicos.

2ª – Princípio da localização imediata ou do quadriculamento – “*Cada indivíduo no seu lugar, e em cada lugar, um indivíduo*”. Consiste no estabelecimento de regras que impedem a formação dos grupos, do coletivo. Há a anulação dos movimentos que tentam instaurar as comunicações úteis, é preciso “*vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos*” (FOUCAULT, 1987, p. 142).

Tal princípio é verdadeiramente visualizado na disposição dos educadores em relação aos educandos, e destes últimos entre si mesmo, nas salas de aulas atuais. Parece que estamos vivendo exatamente como no século XVIII.

3ª – Localizações funcionais – Dispõem sobre a parte arquitetônica que precisa atender para as funções: *“satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil”* (FOUCAULT, 1987, p. 143). Esta técnica permite que o trabalho de prevenção possa ocorrer a fim de evitar “as coerências” com a (in) disciplina. Técnica percebida, também, nas escolas, na maneira com estão localizados os espaços estratégicos pelo qual estão destinados aos coordenadores, supervisores, banheiros, pátios, entre outros, que facilitam a manutenção da disciplina.

4ª – O controle da atividade– Não é de hoje que o subtítulo horário acompanha o aspecto disciplinar. Percebe-se que estes três grandes processos: o estabelecimento de limites, o detalhamento das ocupações determinadas e a regulamentação dos ciclos de repetição, são fundamentais para a imposição e manutenção da disciplina (FOUCAULT, 1987, p. 145).

A definição de horários é defendida sob o argumento de garantir a qualidade do tempo, assegurando a obediência de todos a tudo que foi atribuído e, o cumprimento das obrigações, evitando desperdício e indisciplina.

Prosseguindo veremos uma ‘transformação’: *“a criminalidade de sangue passa a ser criminalidade de fraude”* (FOUCAULT, 1987, p. 98), que mesmo sendo complexa, tal transformação corroborou (e colabora) para

O desenvolvimento da produção, o aumento das riquezas, uma valorização jurídica e moral [...], métodos de vigilância mais rigorosos, um policiamento mais estreito da população, técnicas mais bem ajustadas de descoberta, de captura, e informação [...], (grifo nosso) (FOUCAULT, 1987, p. 98).

Inclusive nada desta citação anterior é diferente dos nossos dias. A conjuntura social, na qual estamos envolvidos, é exatamente essa. O processo de punição inverteu-se, a vítima agora é o condenado, o culpado. Tornou-se necessário controlar e codificar as práticas ilícitas, contudo, esqueceram-se de delimitar a responsabilidade: do cidadão, do Estado, do criminoso, ou da Justiça. Interessante é que ninguém quer dar a resposta!

Nesse sentido, a escola emerge enquanto local da organização social, mas enquanto instituição educacional, ao compará-la com as demais instituições existentes vamos notar que podemos compreendê-las exatamente da mesma maneira, como sendo locais cuja função “precípua [é] a de “disciplinar os corpos”, modelar corpos e mentes para as demandas do capitalismo” (grifos do autor) (FOUCAULT, 1982 apud JUSTO, 2006, p. 28).

Igualmente, informamos que as instituições sociais são fundamentais para o funcionamento da sociedade capitalista (principalmente), pois, suas funções, quais sejam: a família – procriação e socialização primária, a escola – socialização secundária, através da transmissão dos conhecimentos e valores básicos culturais, o hospital – para cuidar da saúde, e as prisões e manicômios – para dar conta dos criminosos e loucos, são em favor da manutenção de tal sociedade.

Parafraseando o autor Justo (2006, p. 28), todas estas instituições foram, infelizmente, criadas e desenvolvidas sob a mesma lógica de funcionamento e *“organização da sociedade, das relações humanas e de exercício do poder e de dominação: o principio do confinamento”*.

Mas esta escola antes tão fechada e disciplinadora, não se compara com as instituições escolares do nosso século. Apesar de preservar algumas características marcantes: os muros, as salas de aula, os locais destinados aos docentes e discentes, a imposição dos horários e regras, hoje esta mais “democratizada”, frustrada e fracassada.

Explica-se: a disciplina e obediência do passado que oferecia ‘frutos’ aos pais, a comunidade e a sociedade, com cidadãos educados e trabalhadores dominados, hoje tenta estruturar-se sob alicerces nem tanto confiáveis. Surge a crise da “pós-modernidade”, que em seu bojo permite exatamente o contrario.

O filósofo Gilles Deleuze (1992 apud JUSTO, 2006, p. 30) descreve sobre o assunto, e diz que a necessidade é de ações práticas e “nômades”, a movimentação é constante e conseqüentemente, o modo de vida seria caracterizado pela suavidade, fragilidade e temporalidade de vínculos sociais e afetivos do sujeito.

A sociedade “pós-moderna” rejeita aquele sujeito certinho, previsível, cometido, controlado, etc. exige um *“sujeito flexível, criativo, [...], múltiplo, [...], e aventureiro”* (JUSTO, 2006, p. 31).

E é por esta razão que já não é mais preciso reunir pessoas num determinado lugar, confina-las, vigiá-las, proibi-las, quanto mais livres melhor. Inclusive, *“os sofisticados equipamentos de vigilância e controle, produzidos pela tecnologia, dispensam antigas estratégias baseadas no olhar direto e pessoal”* (DELEUZE, 1992 apud JUSTO, 2006, p. 33).

E a escola vem resistindo, apesar das instituições modernas tradicionais estarem fracassando, ela esta preservada e é valorizada por todos. Ainda contempla as funções de se constituir enquanto fundamental para a *“formação intelectual e transmissão formal dos legados da cultura e é tida como remédio para quase todos os males”*(JUSTO, 2006, p. 35).

Apesar de tão grande responsabilidade, esta mesma escola ainda é vítima da falta de apoio, de recursos, e de qualidade que lhe seriam imprescindíveis, mas sobrevive. Parafraseando Justo (2006), não se soube de nenhum caso sequer de tentativa de intenção de desmoralizá-la ou desmontá-la, ou ainda inviabilizá-la, como [é ou] foi feito com os hospitais psiquiátricos, como é feito com a polícia, hospitais (interditados) e os presídios. O que temos é uma escola

em “franca expansão”, [...] sendo considerada como elemento-chave da formação do sujeito, da construção da cidadania, do desenvolvimento tecnológico e da expansão da economia. [...], está sendo expandida para acolher crianças em idades mais tenras e assumindo, além da tradicional tarefa de “educar”, também a tarefa de “cuidar”. Sobre ela, recai hoje a responsabilidade da formação “integral”, ou seja, é encarregada da tarefa de cuidar do desenvolvimento da criança e do adolescente no plano cognitivo, emocional, afetivo, social, político e tantos outros tidos como necessários para a formação do sujeito deste tempo (JUSTO, 2006, p. 36).

No entanto, a instituição escolar precisa enfrentar enormes obstáculos para trabalhar com as demandas deste *“sujeito contemporâneo nômade, múltiplo, diverso, expandido, [...] que se constitui no movimento”* (JUSTO, 2006, p. 39).

É convidada (e não pode recusar o convite), para “*substituir a família enquanto instituição primária encarregada do acolhimento e da formação básico do sujeito*”, além do mais precisa também dar conta da “*formação biopsicológica e social, além de ser colocada como instituição estratégica para a solução dos principais problemas e desafios do mundo contemporâneo*” (JUSTO, 2006, p. 37).

Então, far-se-á necessário delimitarmos os conceitos de moral, ética, disciplina/indisciplina, que somam o conjunto de práticas que irá direcionar a escola enquanto instituição social.



## 2 - ASPECTOS CONCEITUAIS

Para que possamos seguir adiante na discussão de nosso tema, é importante que façamos algumas marcações. Nesse aspecto é preciso que delimitemos a temática a partir de alguns conceitos recorrentes neste estudo.

Estamos dizendo com isso que é necessário definirmos alguns conceitos básicos referentes à temática em questão. Ética e moral, disciplina e indisciplina são, neste momento, palavras cujos significados precisam ser destacados neste estudo.

Por se tratar de assuntos tão intrínsecos, muitas vezes, é comum confundirmos seus significados, contudo, para o contexto escolar é fundamental que seus atores tenham noção sobre tais questões.

O autor Yves deLa Taille (apud AQUINO, 1996), faz uma explanação interessante no capítulo “*A indisciplina e o sentimento de vergonha*”. Suas colocações nos convidam a uma reflexão.

O autor inicia seus escritos fazendo um questionamento sobre o porquê as crianças obedecem. Mas, num passado bem recente as respostas encontradas, quase unânimes foram: “*superego, sentimento do sagrado, [...], hábito, etc. [...] onde era considerado apenas um fato: as crianças obedecem a seus pais e, em geral, também a seus professores*”(LA TAILLE apud AQUINO, 1996, p. 9).

Porém, o autor acrescenta que não seria exagero afirmar que atualmente a pergunta seria oposta – porque as crianças desobedecem tanto? E, conseqüentemente as respostas seriam notadas na principal queixa educacional: falta de limites, que transcrevemos exatamente como encontramos:

*“a queixa atual, traduzida notadamente pelo vocábulo “limite”: as crianças, hoje, não teriam limites, os pais não os imporiam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria, a televisão os sabotaria etc.” (LA TAILLE, 1996 apud AQUINO, 1996, p. 9).*

Notamos que o autor quando escreve este capítulo, data a segunda metade da década de 1990, o que não seria nada diferente em pleno século XXI, já passados mais de uma década e meia!

Os esclarecimentos sobre ética e moral são complementares. Veremos que a diferença consiste em detalhes importantes que nos fazem compreender melhor os conflitos que ocorrem no contexto escolar.

O termo ética vem do grego “*ethos*” e *significa costum*(LA TAILLE et al, 2006, p. 58), nos remete aos valores da conduta humana, ao conjunto de procedimentos que visa garantir a harmonia e perpetuação dos hábitos e costumes de uma comunidade ou povo. E o termo moral trata dos costumes, deveres e modo de proceder dos homens para com os seus semelhantes (BUENO, 2007).

O decorrer do tempo trouxe modificações aos termos em questão, o que acarretou uma aquisição de novos significados. No senso comum temos a ética referindo-se a uma conotação positiva enquanto que a moral ao sentido negativo. Numa visão social conceitua-se como virtudes morais atitudes de justiça, generosidade, doçura, dizem que foi ética; enquanto que a moral agrega adjetivos contrários, seria a pessoa conservadora, retrógrada, “certinha”, ou moralista (LA TAILLE et al, 2006, p. 58).

Para Piaget (apud LA TAILLE et al, 2006, p.58) a moral diz respeito ao conjunto de regras e valores que tem a função de regular as relações entre as pessoas numa dada sociedade, com o papel de garantir a vida societária.

Consoante a esta afirmativa os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (BRASIL, 1997), mais precisamente no Volume 1, p. 33, faz menção e também utiliza esta definição piagetiana, que serve de orientação para os trabalhos pedagógicos em todos os níveis de ensino – Infantil, Fundamental e Médio.

E sobre a ética (e moral) encontramos em La Taille et al (2006, p.59) outras definições interessantes: onde a moral – *“relaciona-se com a busca da harmonia social e a ética com a busca da harmonia individual ou de alguma forma de felicidade”* seria uma *“reflexão sobre a moral”*, isto é, a ética *“deve subordinar-se à moral”*. Ou seja, onde houver necessidade de decisões, tais decisões devem ser embasadas no conjunto de regras e valores.

E sobre a (in) disciplina o autor La Taille et al (2006, p. 60) a define *“como toda ação moral executada pelo sujeito e que está em (des) acordo com as leis impostas ou construídas coletivamente, [...]”*. Portanto, quando o discente descumpre uma regra

ou a desobedece, consciente ou não, está cometendo um ato de indisciplina que, geralmente, é acompanhado por uma consequência – no contexto escolar seriam as atribuições do Coordenador Pedagógico quanto à manutenção da ordem e disciplina usando os aparatos que “impedem ou inibem” a ação indisciplinar (agenda, comunicado aos pais, advertência verbal e escrita, suspensão, etc.).

Sendo assim, conclui-se que os termos apesar de dispares, são complementares, não é possível falarmos sobre ética sem nos atermos ao significado de moral, do mesmo modo é quase impraticável estudarmos sobre disciplina sem nos reportarmos a indisciplina.

Tanto que algumas conclusões são possíveis, de acordo com o autor La Taille (2006, p. 61):

- a) a indisciplina será sempre indisciplina, independente do fato das regras serem impostas ou construídas democraticamente;
- b) a violência nem sempre é sinônimo de indisciplina, tendo em vista que no caso da guerra, por exemplo, o soldado precisa matar o inimigo, ou ainda num conflito com a polícia, e os soldados precisam agir com a força física com a intenção de defender o estado de direito, ações perfeitamente legítimas;
- c) a indisciplina pode ser ética, apesar de ser imoral, como no exemplo acima, onde o uso da violência se justifica na ação de disciplina, ordem, obediência;
- d) os docentes deveriam se guiar (pautar-se) pela ética, quando na verdade (infelizmente) agem pela moral.

Mediante o exposto, verificamos que os termos analisados, nos auxiliam a esclarecer a contextualização do nosso estudo, qual seja: se a indisciplina representa um dos maiores desafios que tanto os docentes e discentes precisam enfrentar junto com a Coordenação escolar, alguns questionamentos são pertinentes: como os coordenadores, professores e alunos entendem e concebem a indisciplina escolar? Quais as possíveis causas da indisciplina escolar? Quais são os dispositivos utilizados pelos agentes educacionais no “controle” da indisciplina escolar?

Então, cabe-nos concluir que a moral exige disciplina, apesar de nem sempre serem éticas, principalmente no contexto escolar, onde se atribui à escola a função precípua que é a preparação para o exercício da cidadania, que exige atitudes éticas e morais, que traduzidas são respeito e responsabilidade.

### 3 – O PAPEL DO PEDAGOGO ENQUANTO COORDENADOR DE DISCIPLINA

Bem sabemos que o papel do pedagogo na escola é complexo e cheio de desafios. De um lado temos o educador que possui uma relação profissional, um vínculo empregatício, e do outro lado o educando, que através de uma relação de autoridade e de ‘obrigatoriedade’, se vê diante do currículo escolar (que nem sempre contempla a aplicação para realidade), das normas de conduta escolares, e dos valores éticos e morais impostos pela família, comunidade e sociedade em geral.

Diante do exposto, teríamos a prática pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem sendo dependentes, através das influências que emergem, basicamente de três ‘subsistemas’, a saber: o Sistema Social; o Sistema Escolar e, a Sala de Aula.

Contudo, vale pontuar a relevância do profissional pedagogo que é convidado a participar deste processo de mediação. Tal mediação é situada onde ocorrem as relações de força e de poder, determinantes sociais que ganham reforços dependendo da compreensão que a família, o aluno, e a comunidade escolar possuem sobre disciplina, buscando uma solução prática para direcionar esse comportamento (FREITAS E CRUZ, 2011).

Para melhor esclarecer o assunto, discorreremos, brevemente, sobre cada subsistema citado:

1. Sistema social: O pressuposto existente de que a sociedade necessita de regras e normas para o bom funcionamento do sistema é tão antigo quanto o próprio homem. E considerando-se esta lógica, a escola, a família, e outros tantos subsistemas, precisam adequar-se para que o seu funcionamento se dê da melhor forma possível (REGO, 1996 apud FREITAS E CRUZ, 2011).

Entrementes, vale descrever que tais regras e normas no âmbito social são criadas de modo não democrático, *“servindo de interesses de uma minoria opressora, da mesma forma, as regras criadas para o ambiente escolar não são feitas em consenso com os alunos”* (FREITAS E CRUZ, 2011).

2. Escola: A escola, como qualquer outra instituição dentro da sociedade capitalista, existe para acatar aos objetivos dos grupos hegemônicos

3. Sala de Aula: Espaço destinado para acontecer à prática do processo de ensino e aprendizagem. Também corrobora com a lógica da instituição escolar, quando esta última diz que o educador precisa “dar respostas ao sistema social” e se empenhar em mais duas atribuições. A primeira caracteriza-se pela função de socialização dos educandos, quando os prepara para a inserção no mercado de trabalho, e a segunda, caracteriza-se pela função de formar cidadãos através dos conceitos e desenvolvimento de atitudes éticas e morais, que irão intervir na vida pública e social, mantendo a dinâmica e equilíbrio, para a manutenção do conformismo e da desigualdade intrínseca do sistema capitalista(SACRISTÁN E PÉREZ, 1998, p.18).

Mediante o exposto é interessante mencionar que o pedagogo está diante de um fato que tem ganhado importância e entendimento no contexto escolar, trata-se da (in) disciplina. Este processo nos indica que a percepção social dos profissionais do contexto escolar precisam estar atentos a “*uma nova ordem pedagógica*” (AQUINO, 1996, p. 52).

Trata-se de uma relação entre professores e alunos embasada no conhecimento, que carece de *novos sentidos*, mais *produtivos*, o que Aquino (1996, p. 52) acredita ser uma *renovação* ou o *restabelecimento da função legítima da escola*. Assim, tanto professores quanto alunos precisam revitalizar continuamente a relação, os conteúdos e as metodologias, onde

*o barulho, a agitação, a movimentação passam a ser catalisadores do ato de conhecer, de tal sorte que a indisciplina pode se tornar, paradoxalmente, um movimento organizado, se estruturado em torno de determinadas ideias, conceitos, proposições formais. [...] anteriormente, disciplina evocava silenciamento, obediência, [...]. Agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor obstáculos (AQUINO, 1996, p. 54).*

Entendemos, portanto, que a partir deste contexto as posturas e atitudes adotadas embasadas teoricamente, têm mudado, ou melhor, têm se adequado diante dessas expressões. E justifica-se nossa observação tendo em vista que as práticas pedagógicas já não se baseiam numa atitude de punição, mas de orientação, qual seja o objetivo máximo da instituição escolar.

#### 4 – ORGANIZAÇÃO E CULTURA DA ESCOLA

O tema (in) disciplina no contexto escolar tem a conotação de referir-se ao comportamento do discente, de forma positiva ou negativa. Mas é preciso entender alguns aspectos importantes e primordiais para esclarecermos acerca do assunto de acordo com as concepções dos profissionais da área, quais sejam: os gestores, os docentes e os discentes (que trazem no seu bojo a família e a comunidade).

Vejamos, quando mencionamos o termo (in) disciplina o mesmo terá diversas formas de interpretação, de acordo com os valores políticos e sociais estabelecidos, e considerando-se as influências culturais escolares, as diferentes instituições e as vivências individuais, não conseguiremos um conceito universal (REGO, 1996 apud FREITAS E CRUZ, 2011).

A caracterização de um comportamento positivo ou negativo, disciplinado ou indisciplinado, dependerá dos padrões e normas pré-estabelecidos. E para o contexto escolar, na maioria das vezes, a disciplina tende a ser compreendida pelo comportamento dentro das regras e normas, e a indisciplina como desrespeito destas normas. Observa-se mediante o exposto, o fato de que os discentes querem chamar atenção agindo de maneira indisciplinada, ou o fato de desconhecerem tais normas, ou ainda no aspecto de internalizarem tais comportamentos e atitudes às qual não tinham o hábito de ‘obedecerem’ (AQUINO, 1996; MELO, 1996).

Atualmente, a (in) disciplina é vista como um dos grandes desafios para o desenvolvimento da prática docente e do alcance do ‘sucesso’ no processo de ensino e aprendizagem, tanto que se observa o tema enquanto discussão por todos os atores envolvidos direta e indiretamente com o assunto, *“suscitando reflexões de senso comum e muitas vezes um saudosismo intenso, principalmente dos tempos da ditadura, onde a disciplina dos alunos se conseguia pela rigidez e autoridade”* (FREITAS E CRUZ, 2011).

Os discentes compreendem que a cultura escolar bem como a vida em sociedade, de um modo geral, pressupõem cumprimento de leis, de regras e/ou de normas tendo em vista a ordem e o bom desenvolvimento do sistema. Contudo, considerando esta lógica ou ideologia imposta, vale ressaltar que tais leis, regras ou normas *“não são criadas democraticamente, servindo a interesses de uma minoria*

*opressora, da mesma forma, [que] as regras criadas para o ambiente escolar não são feitas em consenso com os alunos”* (REGO, 1996 apud FREITAS E CRUZ, 2011).

Nesse sentido a (in) disciplina dos discentes servirá como sinalização de que algo está em desacordo com as regras/normas estabelecidas, pois, na medida em que considerarem a aula trivial ou desinteressante, poderão manifestar a indisciplina, colocando em foco a autoridade do docente (DOYLE, 1986 apud FREITAS E CRUZ, 2011).

Diante disso, vale descrever algumas contribuições que os autores La Taille et al(2006) nos dão como sugestões para “colocação” ou tentativa de solução quanto à questão da (in) disciplina no contexto escolar:

1. Substituir a cultura da culpa pela da responsabilidade – é comum ouvirmos a expressão de que a culpa pela (in) disciplina é familiar, contudo, a parte mais importante desta problemática tem ficado, por ora, esquecida, que são os discentes. E, de outro lado temos esta mesma família que culpa a escola pelos “desajustes” do filho (a). Mas, em nada temos vantagens nesses processos desenvolvidos, o que vemos é os índices de indisciplina e violência crescerem assustadoramente. Portanto, não adianta procurar culpados ou causas aparentes, é preciso tratar o assunto delimitando as responsabilidades que cada parte deve e podem assumir, talvez assim, a partir da reflexão dos seus atos, os discentes possam agir com mais consciência.

2. Tentar “conscientizar” os envolvidos – quando os atores do contexto escolar tiverem consciência de seus papéis, ou de suas responsabilidades, na preservação do espaço físico, na conduta em sala de aula, e sobre os valores morais e éticos, conseguiremos alcançar o que afirma a *“teoria psicológica piagetiana”*. Isto é, *“quem deve conscientizar-se é próprio sujeito”* La Taille et al(2006, p. 65), pois, o processo é primeiramente interno, cabe à escola, através dos professores e coordenador o trabalho de oferecer os instrumentos e elementos que ajudem na problematização da temática, construindo novos conhecimentos e aprendizagens significativas.



3. Democratizar as relações escolares – quando as relações escolares são construídas democraticamente há a tendência de se obter maiores resultados, uma vez que o próprio autor deverá ser responsável por tais relações.

Tomando emprestado uma Tecnologia de Gestão Administrativa, denominada de “OPEN-BOOK” (Management) <sup>1</sup>, teríamos como característica principal o fato da socialização das informações para todos os setores da instituição, cuja vantagens, são além do maior comprometimento, a realidade de obter a participação de todos os atores nas tomadas de decisão, nas discussões, planejamento e ações praticas cotidianas. Consequentemente, maior responsabilidade de todos no alcance das metas e/ou cumprimento das regras (que é o nosso caso!) (grifo nosso) (FRANCO et al 2009, p. 68).

4. Deixar de conceber o aluno indisciplinado como problema – é preciso “abrir os olhos” para as demais causas do problema da indisciplina, que pode até estar no fato dos discentes serem mesmo mal educados, mas existem outras possibilidades que precisam ser avaliadas: a dificuldade encontrada no desafio da sala de aula com mais de 25 alunos, com níveis de conhecimento diferentes, com problemas de acústica, climatização e, espaço físico inadequado.

“Associado a isso, outro fator que influencia na produção da indisciplina está relacionada ao fato de os conteúdos ministrados estarem aquém ou além da capacidade dos aprendizes” (LA TAILLE et al, 2006, p.67).

Parafrazeando os autores La Taille et al (2006, p. 68), o problema “*não é deles e não está neles*”, está na política educacional brasileira, que determina seus princípios orientadores de organização de programas educacionais embasados no modelo ideal de criança adolescente.

5. Propiciar orientação pedagógica, psicopedagógico e psicológica – A formação pedagógica continuada, assistência psicológica, e orientação psicopedagógica dos educadores e profissionais da área, facilitariam a todos a aprendizagem e a recapitulação dos conteúdos (pedagógicos, filosóficos, metodológicos, etc.)

---

<sup>1</sup>Tecnologia de Gestão Administrativa “OPEN-BOOK” – técnica de administração que aponta caminhos para melhorar a qualidade da gestão, ganhar agilidade e facilitar a formação de um ambiente propício para a criatividade e produtividade.

necessários ao exercício da profissão, evitando equívocos ou práticas ‘ultrapassadas’ de metodologia, o que facilita a indisciplina.

6. Compreender e concretizar a educação como fator de desenvolvimento psicológico e da dignidade do ser humano – o tema cidadania nunca foi tão amplamente divulgado como após os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). Isto se dá devido o fato de que a intervenção pedagógica deve estar “*mais articulada com os ideais da democracia e do efetivo exercício da cidadania*”(LA TAILLE et al, 2006, p.71), através da concretização dos valores (diálogo, justiça, respeito, generosidade e dignidade).

7. Articular os conteúdos tradicionais à vida – aplicabilidade prática dos conteúdos programáticos, consiste na utilização de recursos metodológicos que levem os discentes a gostarem e se interessarem pelo assunto. Ao problematizar determinados fenômenos (reações químicas e físicas, por exemplo), permite o oferecimento de condições para que o desenvolvimento cognitivo – intelectual, afetivo – sentimentos e, moral – social.

8. Substituir o uso de punições expiatórias pelas sanções por reciprocidade – as punições expiatórias servem de instrumentos de coação. Interessante notar que segundo estudos e pesquisas de renomados autores, dentre eles Piaget (1932/1994 apud LA TAILLE et al, 2006), estas punições também impedem ou atrasam a ocorrência do desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral. Ao contrário das sanções por reciprocidade, (que ajudam no desenvolvimento intelectual, afetivo e moral), onde a indisciplina é tratada como uma incoerência e como tal será administrada uma punição de acordo com a severidade do caso, tais regras serão construídas ou não democraticamente, mas informada com antecedência.

9. Abolir qualquer forma de humilhação – os atos e atitudes de muitos profissionais e responsáveis familiares precisam sofrer modificações, tendo em vista duas consequências inevitáveis e prejudicáveis aos discentes: a primeira diz respeito à atitude de ao ser menosprezado o indivíduo estará fadado a se comportar como um ser “*anti - cidadão*”, sem direito a expressar-se, (mesmo que usando a indisciplina para tal), sem condição de reivindicar, de viver livremente; e a segunda diz respeito à autoestima, ou melhor, baixa-autoestima e autoimagem diminuída, o que poderá

acarretar então, em atos maiores de indisciplinas (e até de violência), como forma de recompor-se.

10. Priorizar os valores morais e éticos – os educadores bem como os profissionais da escola devem e podem desenvolver atitudes que enfatizem e dê importância aos limites morais e éticos como conduta comum. Quanto mais se exercita valores morais públicos, melhor saberá agir nas relações sociais na qual participa, a nossa de respeito, de dignidade e de responsabilidade precisam ser estimulados.

11. Diminuir o desemprego e aumentar o poder aquisitivo e a participação efetiva da população nos destinos da polis – a superação da situação de risco pelo qual as famílias têm passado é uma das causas da manifestação da indisciplina escolar (e outras), pois, a falta de perspectivas, o desemprego, a instabilidade social é uma realidade que assola todos os níveis sociais. O problema da educação está rodeado de “subproblemas” que interferem diretamente na sua atuação: desvalorização do profissional, falta de vagas, status financeiro, beleza, saúde, criminalidade, drogas, segurança pública, etc.

Vale ressaltar que apesar das sugestões o trabalho é árduo e a aplicação prática nem sempre é possível, tendo em vista que as decisões pedagógicas envolvem divergentes interesses e áreas educacionais, e nem sempre os profissionais estão dispostos a superar e quebrar paradigmas.

Nosso estudo buscou analisar as concepções de coordenadores de disciplina, professores e alunos quanto à temática da (in) disciplina, e para tanto detalhamos a seguir a metodologia da pesquisa, bem como a análise e interpretação dos dados segundo as contribuições dos autores: Aquino (1996), Yves de La Taille, Pedro-Silva e Justo (2006), Bruno, Almeida e Christov (org.,2003), IçamiTiba (1996), Freitas e Cruz (2011), Placco e Almeida (2003).

## 5 – METODOLOGIA

### 5.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A principal característica deste estudo está situada no aspecto qualitativo da pesquisa, que quanto aos seus objetivos caracteriza-se como: exploratória, descritiva e interpretativa.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: o questionário bem como a pesquisa de campo, buscando adquirir subsídios necessários para compreender o problema desta pesquisa, qual seja a mediação do coordenador pedagógico nos conflitos cotidianos da (in) disciplina.

Os colaboradores foram divididos em três categorias: coordenadores, professores e alunos, respectivamente, que atuam em escolas da rede pública municipal e privada de ensino, dos municípios de Vila Velha e Serra. A escolha foi aleatória, com um número de 28 participantes, e dois desistentes (maiores informações na seção sobre Sujeitos).

Estes dados qualitativos foram abordados segundo descreve Gil (2009, p. 130) de acordo com as seguintes etapas: redução, categorização e interpretação dos dados.

- A redução de dados versa no processo em que os dados coletados serão selecionados, e transformados a partir dos dados originais de acordo com os temas.
- A categorização consiste em uma apreciação sistemática de dados de forma que o pesquisador consiga adotar decisões e extrair conclusões a partir destes dados.
- Na interpretação dos dados obtidos através da pesquisa, é necessário que o pesquisador ultrapasse a mera descrição e acrescente algo a mais no questionamento já obtido. Exigindo assim constantes retomadas de anotações de campo e, ao campo e à literatura e até mesmo à coleta de dados adicionais.

O caráter particularidade é essencial para a coleta e interpretação dos dados, considere que todos os episódios são importantes e valiosos, e todos os sujeitos são do mesmo modo dignos de estudo, são iguais. Entretanto, permanecem únicos sob o aspecto que todos os pontos de vista são relevantes.

O estudo se deu com a realização da conclusão destas etapas, onde foram registrados os resultados e as conclusões levantadas a partir dos dados coletados em campo e da revisão da literatura.

Os dados qualitativos serão tratados segundo descreve Gil (2009, p. 175):

[...] ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador.

Alguns dados de aspectos quantitativos foram versados a partir de tabulação simples e tabulação cruzada, que conforme Gil (2009) significa simples contagem das frequências das categorias de cada conjunto, e a tabulação cruzada consiste na contagem das frequências que ocorrem juntamente em dois ou mais conjuntos de categorias. Consequentemente, esses dados estão apresentados a partir de tabelas, ponderados e interpretados a partir da referência teórica utilizada neste estudo.

Convém descrever que o estudo em questão encontra-se em conformidade com os aspectos éticos, e as informações coletadas serão mantidas em sigilo, assegurando a proteção da identidade dos participantes da pesquisa. Vale dizer que os dados foram coletados após aprovação dos sujeitos entrevistados, e consentimento, de acordo com a aprendizagem desenvolvida na academia, isto é, na Faculdade Comunitária de Pedagogia da Serra – Rede de Ensino Doctum.

## 5.2 SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

Os

sujeitos da investigação foram selecionados nos meses de abril e maio de 2013, sendo eles todos profissionais/alunos atuantes no contexto escolar:

- nove coordenadores, menos um desistente – total de 8 participantes, a saber: 5 da rede privada do município de Serra; 3 da rede pública municipal de Vila Velha; 5 com especialização em psicopedagogia e apenas 3 com especialização em disciplina escolar; todos com mais de cinco anos de atuação como coordenadores de disciplina; destes apenas 2 é que não foram professores antes da nova função.
- seis professores, menos 1 desistente – total de 5 participantes, a saber: 3 professores da rede privada, que atuam no Ensino Fundamental II; 2 professores que atuam na rede pública, 1 na Educação Infantil e outro no Ensino Fundamental II;

todos os 5 tem mais de cinco anos de magistério; todos possuem formação em Pedagogia; 1 é pós graduado em Alfabetização; 2 são pós graduados em Psicopedagogia e 2 pós graduados na área de atuação (disciplinas específicas).

- quinze alunos – o grupo de alunos consiste em 5 do Ensino Fundamental I, 7 do Ensino Fundamental II e 3 do Ensino Médio; destes 9 são da rede privada e 6 da rede publica de ensino; as idades variam entre 9 e 16 anos.

### 5.3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados: a experiência da prática da autora deste estudo, e o uso de questionários (Anexos 1 - Questionários), que interpretados pressupõem uma abordagem mais adequada para melhor entender e analisar a realidade investigada.

A seguir, descrevemos sobre o instrumento de coleta de dados supracitado, para melhor esclarecimento.

#### 5.3.1 Questionário

Para Gil (1999) podemos definir o questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

As respostas a estas questões é que irão revelar os elementos requeridos para testar as hipóteses ou esclarecer o problema de pesquisa. Elaboramos o questionário resumindo basicamente os objetivos da pesquisa em questões específicas, facilitando nosso estudo.

Foram utilizados nesta pesquisa três tipos de questionários, direcionado as três categorias: coordenadores, aos professores e outro aos alunos, sendo entregues e devolvidos logo após serem respondidos, num prazo de sete a dez dias.

Os dados coletados serão analisados e interpretados com o auxílio do referencial teórico já mencionado anteriormente.

## **6 – DA COLETA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Observa-se que a função do Coordenador de Disciplina não está definida enquanto profissão, assim como está a do Professor e do Pedagogo. Em algumas redes de ensino é chamado de orientador, coordenador pedagógico, supervisor, ou simplesmente pedagogo (GENTILE, 2011).

Quando nos reportamos aos autores para pesquisarmos o significado do que é coordenador pedagógico (CP), encontramos uma contribuição interessante de Içami Tiba (1996) que relata, curiosamente, que na [questão da] disciplina, como em qualquer relacionamento humano, é necessário considerar as características de cada um dos envolvidos: o professor, o aluno e o ambiente.

No nosso caso particular, nos atentamos para o Professor [Coordenador], que ainda segundo o autor, (1996), possui quatro funções diferentes, porém, interligadas:

- 1 Função de Professor – Desenvolver habilidades para aprender e ensinar num processo contínuo e sistemático de aprendizagem. Função adquirida na Academia;
- 2 Função de Coordenador do grupo – Conhecimento de dinâmica de grupo, noções básicas de psicologia, para mediar os conflitos, função geralmente não desenvolvida nas Faculdades, além de desenvolver técnicas de planejamento e coordenação de atividades afins;
- 3 Membro da equipe pedagógica – que como tal deve servir de mediador entre o reclamante e a reclamada, saber ouvir e agir com profissionalismo ético é fundamental. Precisa manter-se sóbrio, sem se envolver para conseguir encaminhar os fatos sem juízo de valores;
- 4 Empregado de uma Instituição – enquanto funcionário possui direitos e deveres, o que implica numa conduta extremamente delicada, quando não pode e não deve transferir seus desafetos aos clientes e colaboradores que nada podem resolver. Deve agir com profissionalismo direcionando o seu problema a equipe gestora.

E o interessante, é que no nosso estudo identificamos exatamente o mesmo perfil de CP: aquele sujeito que na maioria das vezes, foi professor, com mais de cinco anos de experiência, com conhecimento de dinâmica de grupo (aprendido na prática *in loco* da sala de aula), do sexo feminino e com idade média de 42 anos de idade.

Mas não menos importante, o Coordenador de Disciplina se constitui enquanto Coordenador pedagógico. Segundo Gentile (2011) as principais características do profissional que atua nessa função são nada menos que 256 atribuições, dentre as quais vamos citar as que foram pelo menos uma vez citada nos nossos questionários:

- acompanhar a entrada e saída dos alunos;
- conferir se as salas estão organizadas e limpas;
- atender todos os dias os telefonemas e/ou fazer atendimento aos pais e responsáveis, sobre assuntos disciplinares ou pedagógicos;
- atender outras pessoas que procuram a escola para conhecimento da área pedagógica;
- disposição de tempo para a elaboração do Projeto Político Pedagógico;
- execução de atividades burocráticas ou administrativas, no auxílio ao gestor;
- facilitar a adaptação dos alunos à escola;
- servir de mediador entre os diversos setores escolares;
- desenvolver um trabalho de conscientização quanto às regras e atitudes positivas;
- favorecer o desenvolvimento de aulas, projetos interessantes e reuniões pedagógicas de equipe e de responsáveis;
- administrar os espaços didático-pedagógicos: laboratório de informática, sala de vídeo, auditório, etc.;
- contribuir com os professores na formação continuada e em serviço, no planejamento, além de orientá-los e incentivá-los quanto ao uso das novas tecnologias da informação e comunicação;
- realizar acompanhamento pedagógico dos alunos;
- organizar e manter a ordem do horário escolar;
- avaliar junto com os professores os alunos.



Conforme menciona a autora Luiza Helena da S. Christov (apud GUIMARÃES et al, 2003, p. 9) “a atribuição essencial do coordenador pedagógico está, [...] associada ao processo de formação em serviço dos professores”, portanto, tudo o mais que se agrega no conjunto de atribuições a ele confiadas são ‘adições’ que muitas vezes o sobrecarrega.

Inclusive é neste cenário que ocorrem os conflitos ou confrontos, do ponto de vista que emergem “as expectativas e desejos dos sujeitos envolvidos”. E, uma vez que a escola possui o papel social pré-definido, que é o de construir e transmitir a cultura, tais sujeitos questionam este tipo de escola e exigem respostas que ultrapassam a questão cultural, envolvendo aquelas que dizem respeito “aos temas, objetivos, métodos e recursos a serem assumidos, [...] valores (e atitudes) a serem cultivados [...]” (GUIMARÃES et al, 2003, p. 14).

Nesse cenário selecionamos os nossos colaboradores por categorias, a saber: Categoria Aluno, Categoria Professor e Categoria Coordenador, onde nossa explanação se dará nesta ordem. Justifica-se nossa conduta pelo fato de agregarmos informações complementares para esclarecimentos quanto ao nosso objetivo de estudo, qual seja a “*Coordenação pedagógica: Mediação de conflitos no espaço escolar*”.

Observamos que as características básicas dos coordenadores pedagógicos são semelhantes, em comparação com uma pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas, a pedido da Fundação Victor Civita (FVC), sobre o Perfil do Coordenador Pedagógico Brasileiro<sup>2</sup>, conforme o Quadro 1, descobrimos que os nossos coordenadores estão inseridos nestes dados, em comparação com os dados do Quadro 2, vejamos:

---

<sup>2</sup>Pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas, a pedido da Fundação Victor Civita, com o objetivo de descobrir quem é o que pensa esse personagem “o coordenador pedagógico”, sob a supervisão de Claudia Davis e coordenação de Vera Maria Placco e Laurinda R. de Almeida (professoras e pesquisadoras da PUC de São Paulo e de Campinas), no período de março de 2010 a março de 2011.

**QUADRO 1: CARACTERISTICAS DOS COORDENADORES PEDAGÓGICOS BRASILEIROS**

- 90% do sexo feminino
- 88% já deram aula na Educação Básica
- 76% tem entre 36 e 55 anos de idade
- 52% tem mais de 5 anos de experiência

Fonte: Fundação Carlos Chagas (FCC), 2011.

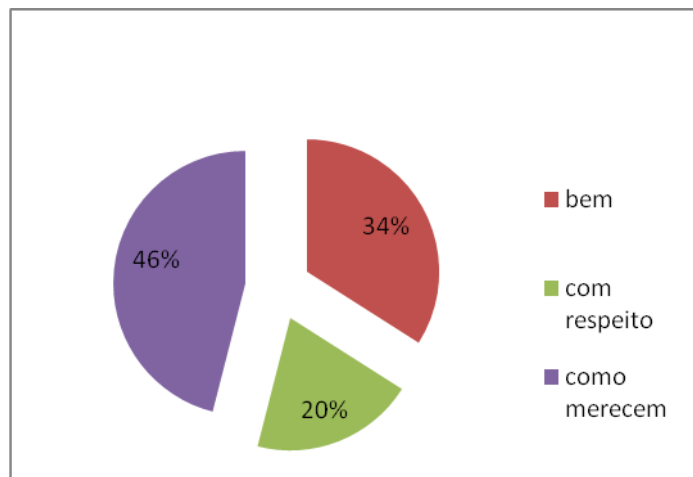
**QUADRO 2: CARACTERISTICAS DOS COORDENADORES, PROFESSORES E ALUNOS PESQUISADOS**

CATEGORIA	SEXO		IDADE MEDIA	NIVEL QUE ATUA OU SERIE QUE ESTUDA
	F	M		
<b>COORDENADOR</b>	7	1	40 anos	Ensino Fundamental I e II e Ens. Médio
<b>PROFESSOR</b>	4	1	31 anos	Ensino Fundamental I e II
<b>ALUNO</b>	10	5	15 anos	Ensino Fundamental II e Médio Apenas 1 estudante do Fundamental I

Observa-se que a maioria é do sexo feminino, e que independente da idade notou-se que todos acharam interessante à temática em questão, qual seja a (in) disciplina.

**6.1. CATEGORIA ALUNOS:**

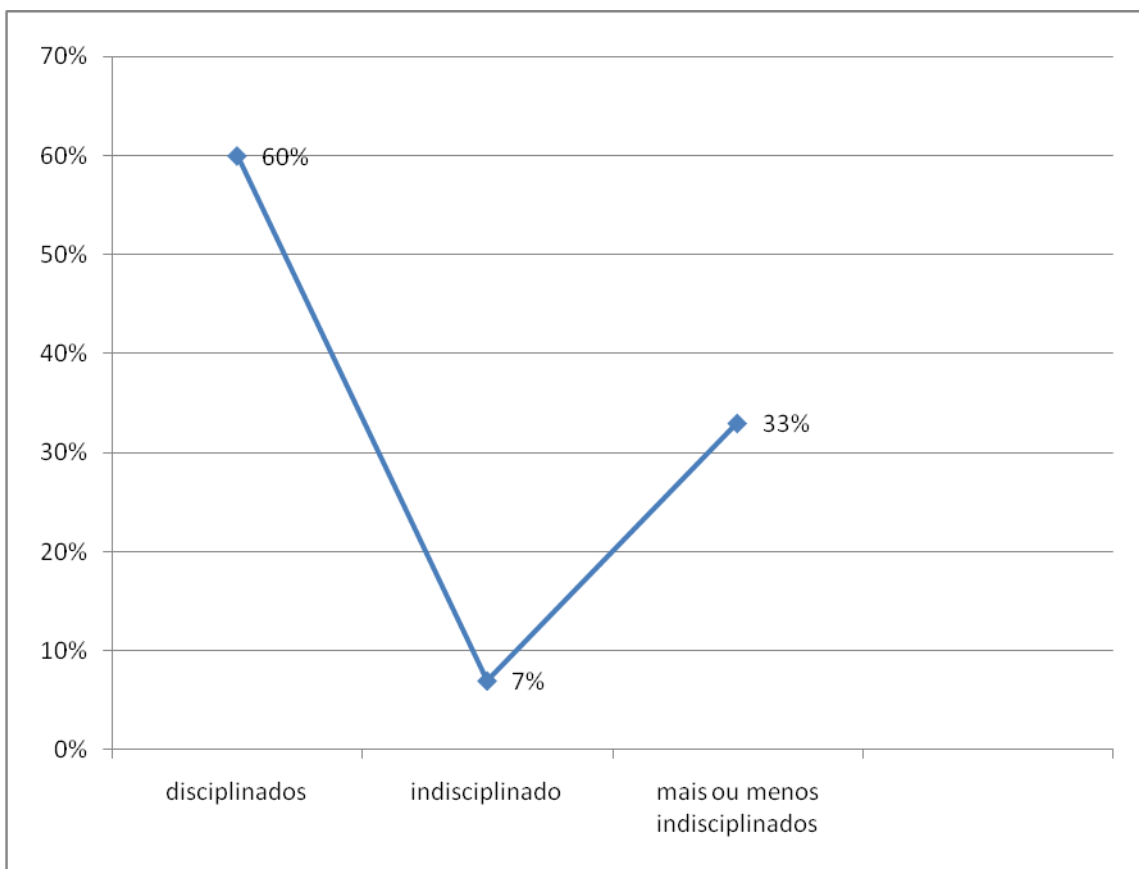
- ✓ Gráfico 1: De que forma você trata seus colegas?



De acordo com Guimarães (apud AQUINO, 1996, p. 78), a escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Ou pelo menos semelhantes, e é justamente nisso, que se concentram os conflitos. Quando não tolera as diferenças, usa dos instrumentos de disciplina para manter a homogeneidade, mesmo sabendo que “a pluralidade das ações [...] não se reduz à uniformidade, o princípio da homogeneização não se coloca tranquilamente, [...]”.

Talvez por isso, a forma de tratamento que prevalece seja “*de como merecem*”, isto é, se merecer respeito, terá respeito.

✓ Gráfico 2: Você se acha indisciplinado? Por quê?



O fato de o professor imaginar que sua imagem e autoridade significa manutenção da ordem consiste num equívoco enorme, que segundo Guimarães (apud AQUINO, 1996), se coloca numa ambiguidade: de um lado teremos o professor na função de

estabelecido da ordem e limites da realidade, das obrigações e das normas e, ao mesmo tempo, desenvolve nos alunos a maior diferenciação existente para com ele, o fato de incentivá-lo ao próprio aprendizado, que tenha autonomia. Dai emergem as atitudes positivas – disciplina, ou negativas – indisciplinas.

E os motivos foram semelhantes: disseram que eram disciplinados porque respeitavam as regras, e indisciplinados por não respeitarem. E, o que respondeu mais ou menos indisciplinado disse que depende do professor: - “se for um legal eu me comporto, caso contrario é bagunça mesmo”, escreveu um dos participantes.

- ✓ Quadro 3: O que acha da agressividade/ agressão física ou verbal em relação a alguém?

Porcentagem	Respostas comuns para dois ou mais participantes
27%	- disseram que é falta de respeito ou educação
28%	- disseram que é uma atitude normal que quem apanha merece, responderam assim: ___ “Eles dão razão e depois não aguentam as consequências”.
19%	- disseram que é desnecessária, uma violência barata.
26%	- disse ser errado, ridículo, uma violência descabida.

Mediante o exposto nas duas perguntas acima se faz necessário alguns esclarecimentos pertinentes ao conceito de disciplina, que no contexto escolar possui concepções específicas e importantes.

Segundo Aquino (1996, p.132), a noção de disciplina não se justifica de forma autônoma, pelo contrario, seu significado encontra-se com a aprendizagem. E desta forma os conflitos da (in) disciplina escolar podem ser esclarecidos a partir do *“vinculo entre a noção de disciplina como área do conhecimento e a disciplina como comportamentos / procedimentos, vinculo que é próprio e específico da relação escolar.”*

Sendo assim,

essa crença de que exista um único tipo de comportamento a que chamamos de *disciplinado* é responsável por muitas aflições que temos em relação à suposta *indisciplina* dos alunos (AQUINO, 1996).

Portanto, ser (in) disciplinado “*requer não só ações diferentes, mas um espírito diferente até em relação às próprias regras*” (AQUINO, 1996, p. 17). Daí as respostas tão seguras, quanto as que recebemos, principalmente com relação à agressividade. Deixando claro que, a questão da agressividade, é antes de ser um ato físico, de violência, ele é social e como tal aceitável com “normalidade”, o que deveria ser refletido, ou melhor, trabalhado pela escola.

✓ Gráfico 3: Você concorda com as regras estabelecidas pela escola?

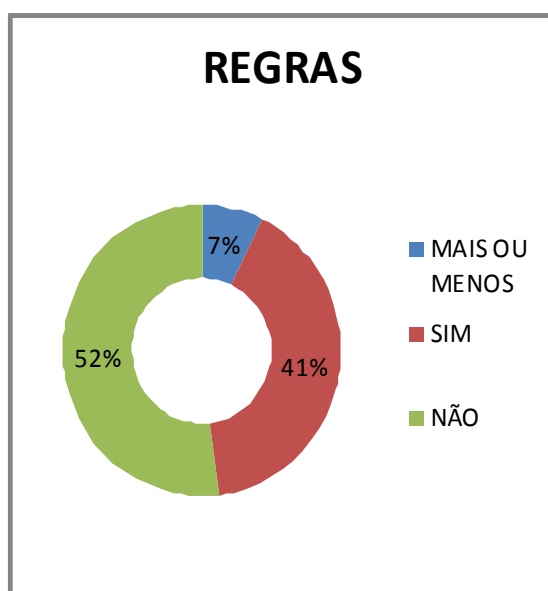
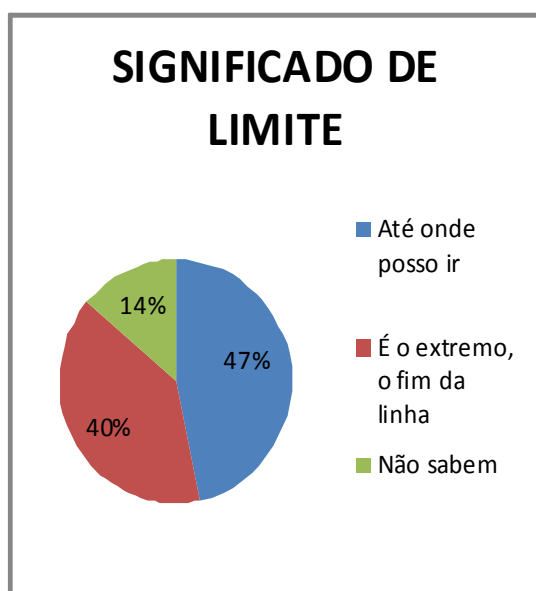
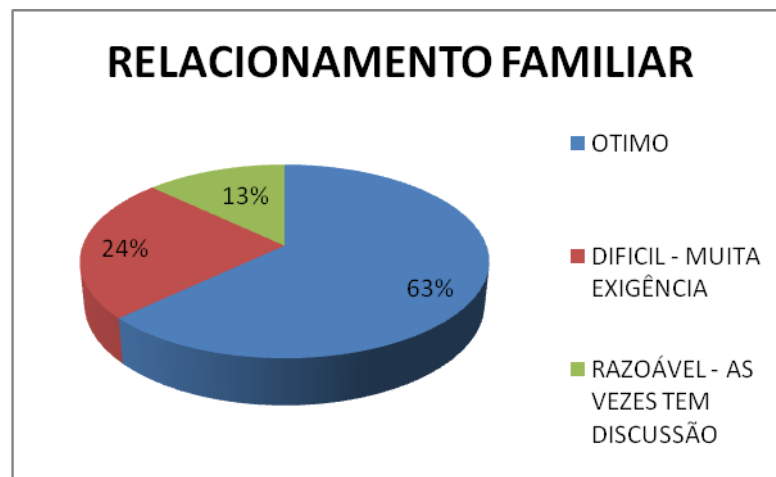


Gráfico 4: E qual o significado da palavra limite?



**Observamos que a maioria respondeu que não concorda com as regras** estabelecidas pela escola e que sabe o que significa a palavra limite, portanto, tais regras e limites não são só *reguladoras*(quando denotam permissão ou proibição), mas são também *constitutivas*, na medida em que sua subsistência possibilita a criação do comportamento tido como ‘normal’ (AQUINO, 1996). As regras servem para manter a ordem e nesse sentido a escola determina tais regras com o objetivo de desenvolver a aprendizagem, local onde ocorrem os conflitos e campo de atuação do coordenador pedagógico.

✓ Gráfico 5: Como é o relacionamento com os pais?

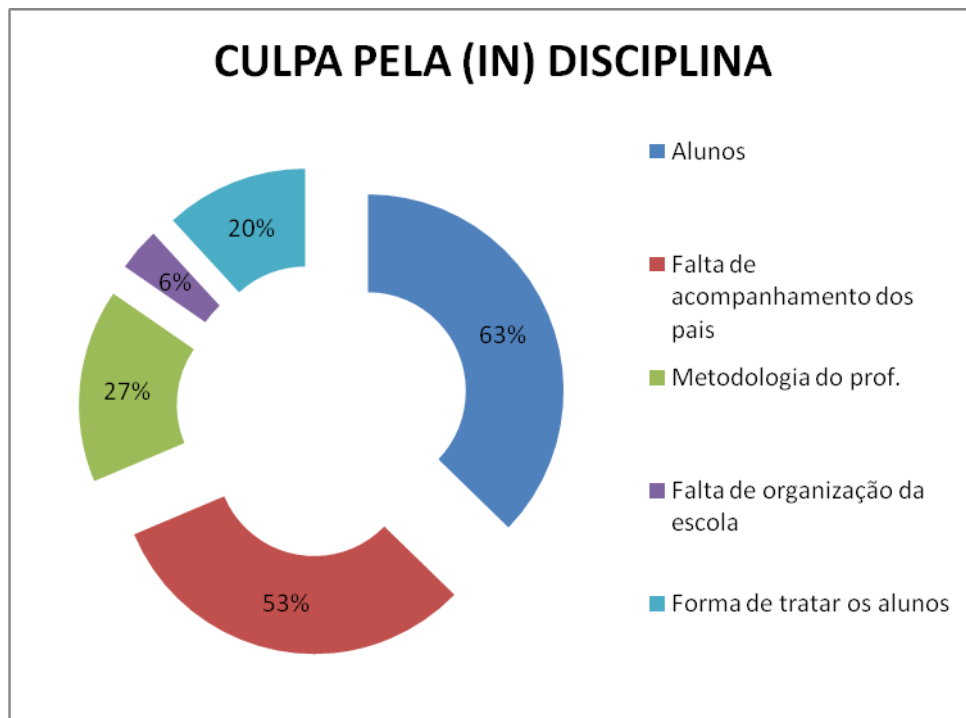


Percebemos uma incoerência nas respostas recebidas a este questionamento sobre como é o relacionamento com os pais, em detrimento das causas que apontaram para a (in) disciplina na escola, atribuindo uma boa porcentagem de culpa aos pais.

Explicamos: os alunos responderam em sua maioria que o relacionamento com os pais é ótimo, contudo, o relacionamento deixa de ser ótimo quando os pais estipulam regras e/ou limites, pois, consideram o “relacionamento difícil” – por causa das exigências, e “razoável” – por causa das discussões, deixando claro, então, que o relacionamento não é “ótimo” como haviam afirmado.

Aquino (1996, p. 97) diz que a família é o primeiro contexto de socialização do indivíduo, exercendo enorme influência sobre o mesmo. Tanto que as atitudes dos pais e as “*práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento [...] na escola*”.

✓ Gráfico 6: Quais são as causas da indisciplina na escola?



Como não determinamos a quantidade de respostas, os alunos responderam duas opções, o que não comprometeu a interpretação. Os próprios alunos compreendem que os maiores responsáveis pela (in) disciplina são seus próprios colegas, e o segundo maior grupo de responsáveis seria a falta de acompanhamento dos pais.

Fazendo-nos notar que eles sabem muito bem que o ‘encargo’ da (in) disciplina, consiste nos relacionamentos que estabelecem em sala ou no contexto escolar e familiar, indo ao encontro das normas pré-estabelecidas (nem sempre de forma

democrática), campo de atuação do CP, o que nos infere argumentar segundo as contribuições de Vygotsky (1987 apud AQUINO, 1996, p. 94).

Vygotsky (1987 apud AQUINO, 1996, p. 94) nos orienta que o tema (in) disciplina é abrangente e carece de compreensões também abrangentes, que envolvam os diferentes fatores que atuam na formação do comportamento e desenvolvimento individual: *“informações, valores, habilidades, atitudes, posturas (por exemplo, mais ou menos indisciplinadas)[...]”*. Acrescenta que tal aprendizado é fundamental para o desenvolvimento das características psicológicas do indivíduo, onde todos estes fatores resultam da relação com indivíduos e com fatores culturais, ao que denomina de “zona de desenvolvimento proximal”<sup>3</sup>.

Assim, os seres humanos diferem dos animais, principalmente, neste aspecto, onde os animais já nascem com o seu desenvolvimento e comportamento geneticamente estabelecidos pela natureza, enquanto que nos seres humanos tais comportamentos dependerão além das disposições orgânicas, também, e fundamentalmente, das inúmeras influências culturais, aprendizagens e experiências educativas (AQUINO, 1996).

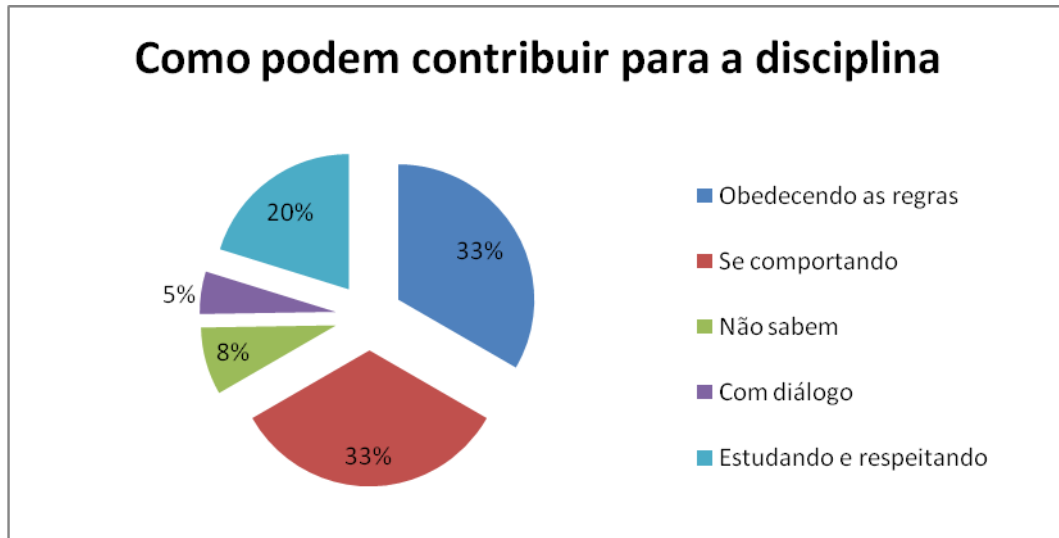
O próximo gráfico, ajuda-nos a refletir exatamente nestas descrições anteriores, quando se observa que os alunos possuem condições de escolher entre agir positiva ou negativamente em detrimento às regras impostas. Pois, ao questionarmos sobre a contribuição dos alunos para com a instituição da disciplina, a maioria respondeu “obedecendo às regras” e “se comportando”.

---

<sup>3</sup> ZDP – “que descreve o espaço entre as conquistas já adquiridas [...] (aquilo que já sabe [...]) e aquelas que, para se efetivarem, dependem da participação de elementos [...] da cultura [...]” (AQUINO, 1996, p. 94 – 95).



- ✓ Gráfico 7: Enquanto aluno, como poderia contribuir com a disciplina na escola?



Os alunos recebem estímulos relacionais na escola, muito mais do que no contexto familiar, portanto, quanto mais integrados estiverem maiores serão as chances de conflitos que terão que enfrentar (TIBA, 1996, p. 148).

Uns estão melhores preparados, sabem os conceitos de respeito, compartilhamento, verdade, obediência, dentre outros, também importantes para a socialização. Tanto que os itens obedecendo às regras e se comportando - foram apontados como as principais formas de contribuir para a disciplina, seguidos da atitude de - estudar e respeitar, acompanhados do item - através do diálogo, com somente 8% que disseram não saber (Inclusive estes são os mesmos que responderam que eram mais ou menos disciplinados, eu não sabia o significado da palavra limite, e ainda os mesmos que disseram que a violência é um ato de merecimento).

## 6.2. CATEGORIA PROFESSORES:

- ✓ **Perguntamos:** Quais os dispositivos utilizados para “conter” a indisciplina no cotidiano escolar?

- manual do aluno;
- advertência verbal ou escrita;
- orientação individual;

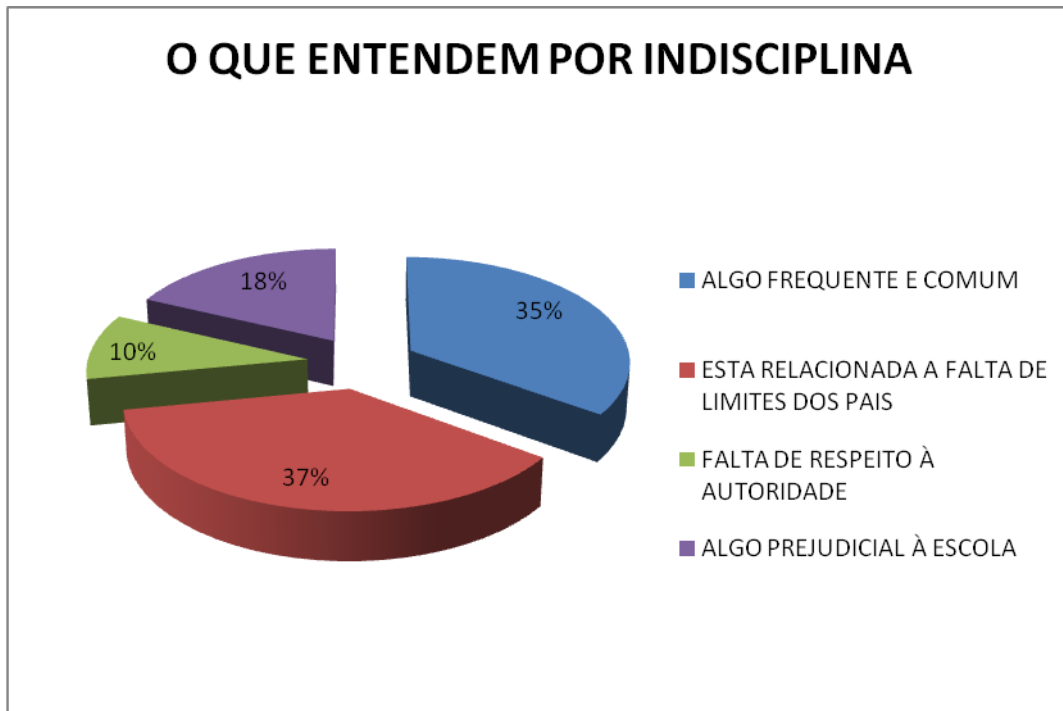
- agenda escolar;
- aplicação das regras;
- compartilhamento com os pais;
- orientações do conselho tutelar;
- cantinho do pensamento.

Os relatos do dia-a-dia do CP demonstram uma “agitação” recheada de emoções (alegria, tristeza, raiva, etc.) e sentimentos (esperança, animação, ansiedade, etc.), que muitas vezes se apresentam na utilização dos dispositivos para “conter” a indisciplina.

Tais práticas se consolidam nas relações interpessoais, relações estas que se efetivam dentro das dependências do contexto escolar. Alguns resultados são positivos e outros nem tanto, ou descritos como desgastantes ou gratificantes, onde a mediação de conflitos é frequente (PLACCO et al, 2003).

Inclusive ainda de acordo com Placco et al (2003, p.39) o trabalho do CP, nas relações interpessoais é o de *“está desenvolvendo uma “relação de ajuda” – ajuda para o crescimento, para a autonomia, para a auto realização.”*

✓ **Gráfico 8:** O que entendem e como encaram a indisciplina?



Içami Tiba (1996, p 105), diz que *“a melhor disciplina é a regida pela liberdade”, e acrescenta que tal “liberdade é poder material e psicológico, mas só tem valor quando associada à responsabilidade. A liberdade absoluta não existe.”* Assim, os alunos precisam compreender que a liberdade traz consigo a responsabilidade, ao fazer escolhas eles precisam estar cientes das consequências, positivas ou negativas.

✓ **Perguntamos:** Uma vez que a indisciplina gera desconfortos, como faz para mediar esta questão nas suas aulas?

- de forma dialogada, de acordo com os combinados estabelecidos democraticamente com o grupo;

- com advertência verbal, dialogo e encaminhamento a coordenação.

Observamos que Içami Tiba (1996) discorre sobre os papéis desempenhados pelos ‘atores’ da comunidade escolar, e explica que individualmente o sujeito possui uma função social, e que tal função vai depender exatamente da postura que o mesmo

ocupa neste contexto, se como aluno, ou professor, ou coordenador, etc. Assim posto “*a função passa a existir quando se tem uma ação, um objetivo*” (p.154).

Mediante o exposto, o papel do professor que é o de transmitir os conteúdos se complementa quando o aluno exerce o seu papel de aprendiz, e o do coordenador quando é preciso intervir na realidade, mediando os conflitos que emergem no desenvolvimento das diferentes funções dos sujeitos (TIBA, 1996).

✓ **Perguntamos:** quais os tipos de consequências que a indisciplina pode trazer ao contexto escolar e social?

- além do aluno se prejudicar no processo de ensino e aprendizagem, pode torna-se irresponsável, quanto a assumir os seus atos.

- contribui com o aumento da criminalidade.

Percebemos que os professores questionados foram unânimes nas respostas, quanto às consequências da indisciplina escolar. E vale descrever o que é dito por Oliveira (2005, p.21):

Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará [que se] (sic) nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo.

Sendo assim, concluímos que a indisciplina causa graves problemas ao ensino-aprendizagem, pois dificulta a aquisição e transmissão do conhecimento, além do mais este aluno irá reproduzir no futuro as ações que apreendeu durante a infância e adolescência, o que vemos hoje nas manchetes são inúmeros casos de violência e agressões, principalmente nas escolas públicas (assunto que nos renderia outro trabalho de pesquisa).

✓ **Perguntamos:** Como entende o papel do Coordenador Pedagógico no cotidiano da escola, face à indisciplina?

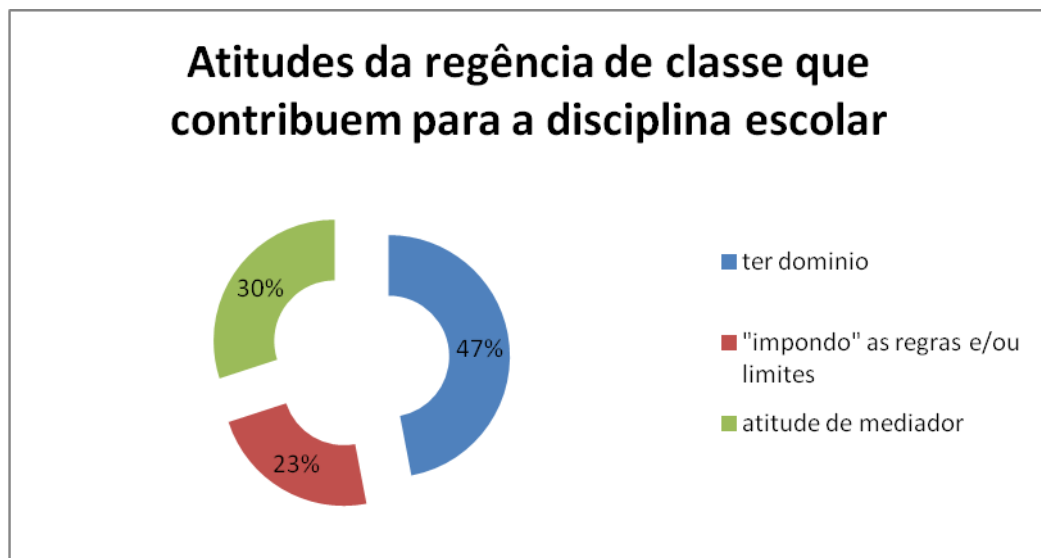
Disseram que: \_\_\_\_ “[...] é fundamental”;

\_\_\_ “[...] é muito importante!”;

\_\_\_ e ainda: “[...] é como o pedagogo, um mediador, responsável pela manutenção da ordem”.

Temos visto que o papel do Coordenador nunca será extinto! Ninguém se preocupa tanto com o Coordenador como com o Professor, pois, o trabalho do segundo está baseado na presença e ações do primeiro. Ou seja, através da prática cotidiana observamos que a partir do momento que o aluno, por quaisquer das causas (pessoais<sup>4</sup> e/ou relacionais<sup>5</sup>), não consegue assumir um comportamento adequado ele é encaminhado ao CP.

- ✓ **Gráfico 9:** Em que medida a regência de classe pode contribuir para a (in) disciplina?



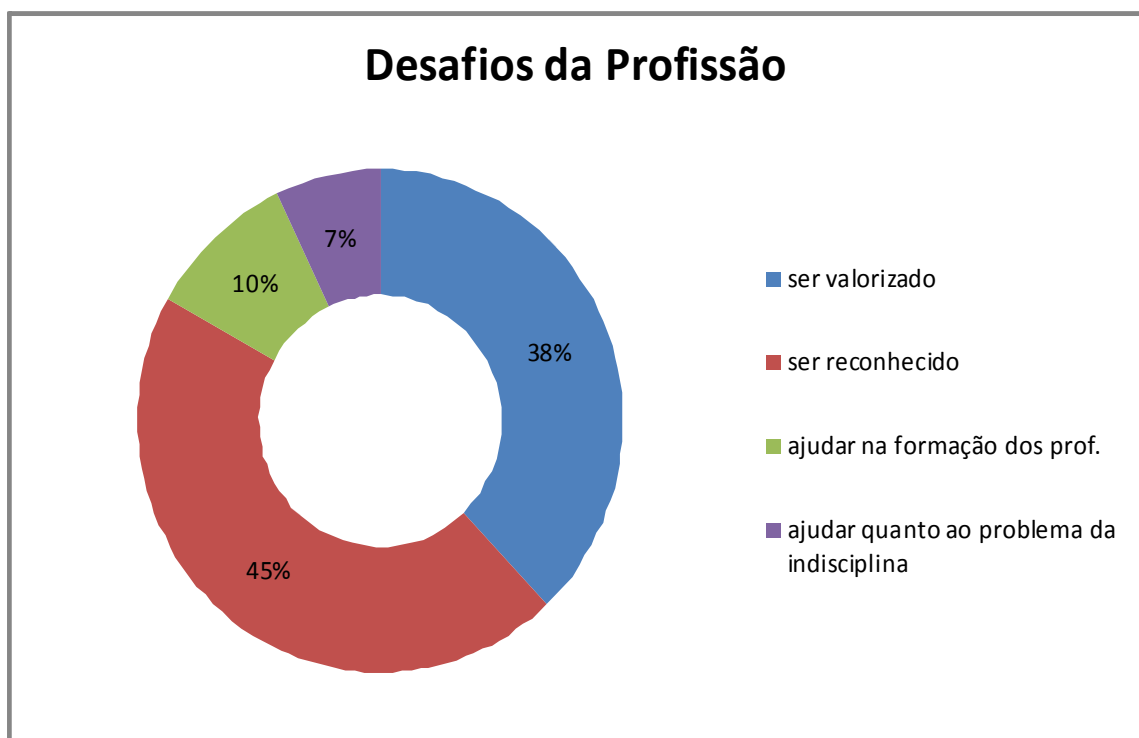
<sup>4</sup>distúrbios diversos: distúrbios psiquiátricos, neurológicos, de personalidade, neuróticos, “normótipos”, de comportamento, deficiência mental, etapas do desenvolvimento (confusão pubertária, onipotência pubertária, estirão, menarca/mutação, onipotência juvenil), síndrome da 5ª série (TIBA, 1996, p. 117 - 118).

<sup>5</sup>características relacionais: distúrbios entre os próprios colegas e distorções de autoestima (TIBA, 1996, p. 118).

O professor, às vezes, não tem noção da abrangência da sua responsabilidade. Quando o professor é comprometido com a prática, desenvolve uma atitude de autoridade e de mediador no processo de ensino e aprendizagem, o resultado é sempre positivo. Sua conduta, na imposição de regras, será naturalmente acatada. Salvo os casos dos indisciplinados, cuja ação terá uma reação: a de serem 'convidados' a visitarem a coordenação para que as devidas atitudes sejam encaminhadas (conforme o quadro 4 demonstrou).

### 6.3. CATEGORIA: COORDENADOR PEDAGÓGICO

- ✓ **Gráfico 10:** Quais os desafios para serem refletidos no exercício dessa profissão?



Interessante como o reconhecimento e a valorização profissional foram pontuados! Mais da metade das respostas fizeram menção a estas temáticas. Inclusive na pesquisa desenvolvida pela Fundação Victor Civita, apresentada na

edição da Revista Nova Escola<sup>6</sup>, Gentile (2011) descreve que estes fatores também foram bastante descritos nos relatos apurados, onde igualmente os pedagogos que exercem esta função sentem-se “bombeiros” sempre prontos a “apagarem os focos de incêndio” que se manifestam no contexto escolar.

Se observarmos o índice relacionado ao problema da indisciplina encontramos um dado importante: apenas 10% encaram este caso como desafio profissional, frente aos demais 90% relacionados a outros fatores que, no nosso entender, não seriam prioridade.

- ✓ **Perguntamos:** Qual papel do Coordenador na busca por uma educação de qualidade?
  - o de ser facilitador no processo de adaptação do aluno ao ambiente escolar, quando é preciso trabalhar os conceitos de limites e atitudes positivas.
  - o de ser o elo entre a gestão, colaboradores e alunos.

O coordenador pode e deve desenvolver um papel de mediador à medida que desenvolver ações práticas que faça com que os educando possam refletir. E caberia uma pergunta: refletir o quê?

Parafraseando Yves de La Taille et al (2006), pode-se refletir sobre as dimensões éticas e morais, ou seja, sobre como aplicar os conteúdos e conhecimentos adquiridos na escola nos planos de uma vida significativa.

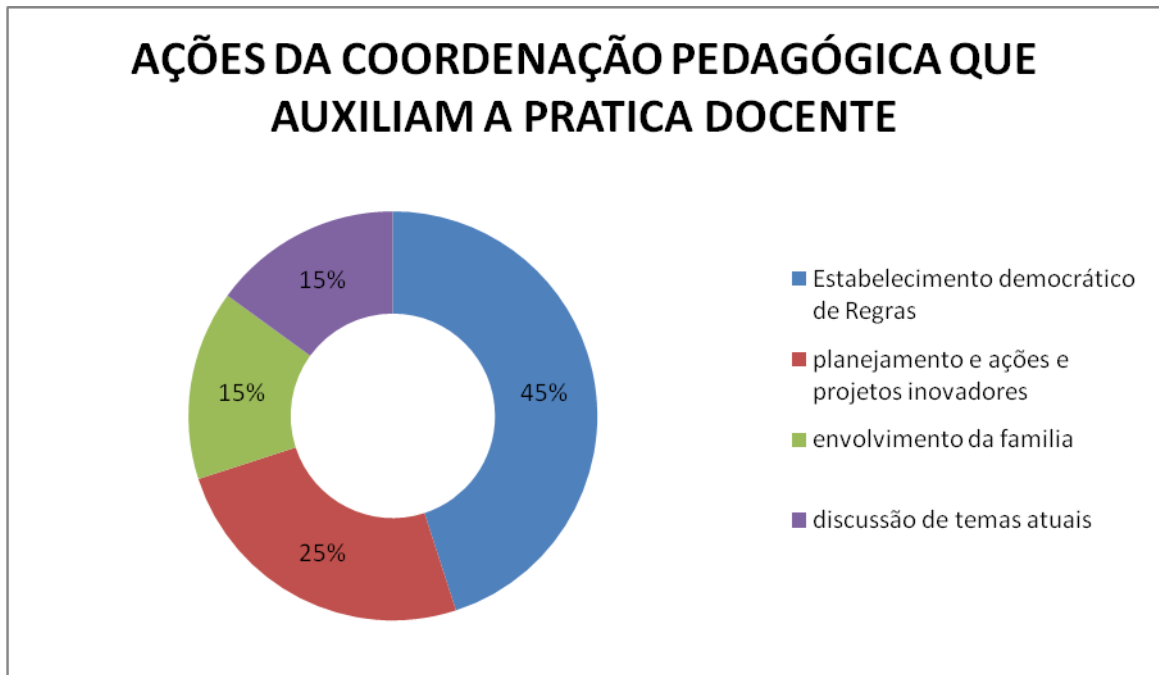
Quando recebem educandos que por algum motivo indisciplinar foram ‘convidados’ a se dirigirem à Coordenação Pedagógica, o CP pode desenvolver o trabalho de “conscientizador”, levando-o a repensar suas ações e a avaliar os significados de suas condutas éticas e/ou morais.

---

<sup>6</sup>Pesquisa desenvolvida pela Fundação Carlos Chagas, a pedido da Fundação Victor Civita, com supervisão de Vera Maria Nigro de Souza Placco e participação e coordenação de Laurinda Ramalho de Almeida e Vera Lucia Trevisan de Souza (autoras e pesquisadoras da PUC de São Paulo e Campinas), no período de março de 2010 a junho de 2011, demonstrada na Revista Nova Escola Gestão por Paola Gentile, 2011.

- ✓ **Gráfico 11:** A coordenação pedagógica contribui na melhoria da prática docente? Como?

- 100% disseram que sim.



O Coordenador disciplinar deveria ocupar-se com as demandas provenientes desta temática, contudo, o que vemos é uma amplitude de atribuições correlatas, que muitas vezes ‘inibe’ ou ‘impede’ um trabalho mais diretivo.

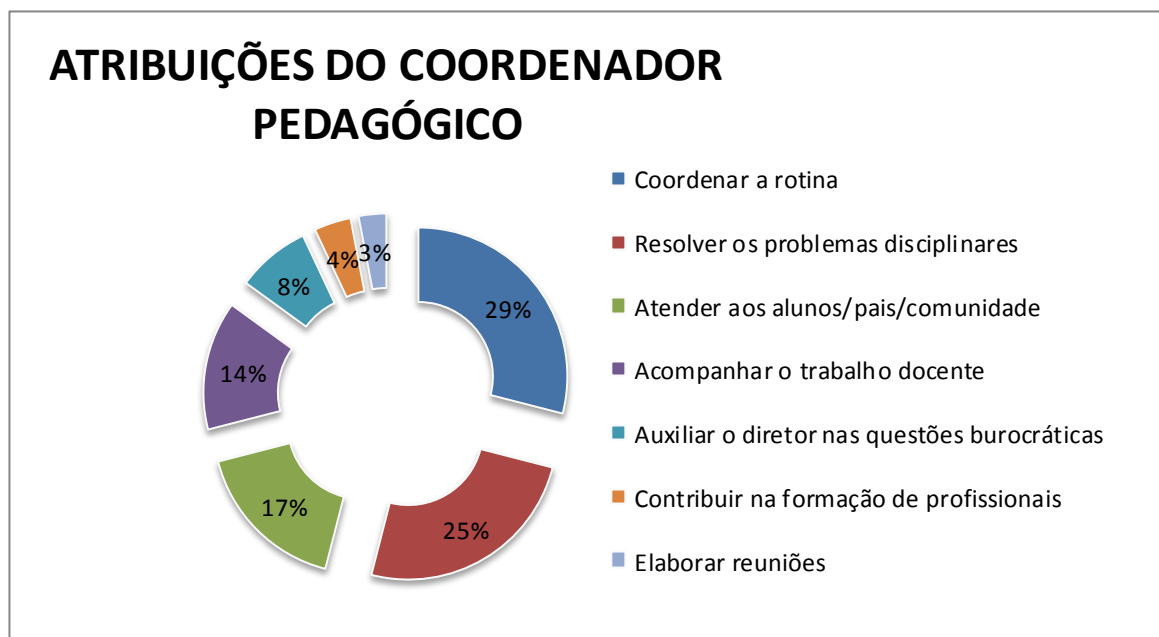
Ao pesquisarmos sobre o assunto, nos deparamos com as descrições que o autor La Taille et al (2006, p. 53) fazem acerca da escola frente à sociedade moderna, onde colocam a questão de desenvolvermos “projetos racionais e vinculações duradouras”, tratando os conflitos e intolerâncias com ações conscientes, que ofereçam aos alunos oportunidades de refletirem sobre os diferentes caminhos que podem escolher: tolerância ou violência, respeito ou inimizades, possibilidades de relações responsáveis e conscientes.

Portanto, as ações da Coordenação Pedagógica precisam estar de acordo com o objetivo educacional, qual seja, o de auxiliar na prática docente, e nossos questionamentos somaram 45% que responderam que é através do estabelecimento



de regras, enquanto que outros 25% apontam o trabalho de planejar, e executar projetos inovadores, outros 15% disseram que é através do envolvimento da família e os 15% restantes disseram que é através das discussões de temas atuais, conforme o gráfico abaixo.

- ✓ **Gráfico 12:** Descreva as funções ou praticas desenvolvidas por você enquanto Coordenador Pedagógico.



Assim, o CP além de todas estas atribuições descritas, ainda é ‘convocado’ a atuar na mediação dos conflitos, quando as individualidades vão de encontro às outras individualidades, acrescentando as questões dos valores morais e éticos que norteiam as condutas humanas.

A todo instante o CP precisa “entrar em ação” para mediar, principalmente, as questões de indisciplina, que de certa forma são expressões de que algo está ‘fora do lugar’: a metodologia, as regras, os comportamentos, etc.

- ✓ **Perguntamos:** Como atua o coordenador Pedagógico?

- em parceria: com o gestor, pedagogo, professor, alunos, colaboradores e família.

O contexto escolar não encontra-se adaptado às novas demandas “desse sujeito contemporâneo nômade, múltiplo, diverso, expandido, flanador<sup>7</sup> e tribalista<sup>5</sup> [...]”. Apesar da sociedade se constituir em amplitudes infinitas, a escola continua firme, fechada, decididamente estagnada, o seu tempo é segmentado, sequencial, as aulas, conteúdos e disciplinas continuam defasadas, e cabe ao CP, atuar nessa mediação. Onde o sujeito ‘exige’, ‘clama’, ‘pede’ e ‘implora’ modificações, para tentar sobreviver entre tecnologias, conhecimentos virtuais, tecnologias de informação e de comunicação, quando na verdade maldispõem de meios de sobrevivência (LA TAILLE et al, 2006, p. 36).

As interpretações destes dados nos remetem a reflexão do título sugerido para o nosso estudo, “*o coordenador pedagógico na mediação dos conflitos*” onde o papel de “disciplinador” ultrapassa os limites pedagógicos para abranger os psicológicos, familiares e individuais, em busca do desenvolvimento de uma educação e um ambiente escolar de qualidade.

---

<sup>7</sup> FLANADOR – individuo ocioso, vagabundo (BUENO, 2007).

<sup>5</sup> TRIBALISTA –pertencente a uma tribo, ou grupo; diz daquele grupo que possui identidade cultural (BUENO, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a figura do CP é de suma importância para o contexto escolar, podemos inferir que na mediação dos conflitos: é preciso observar as possíveis causas da (in) disciplina. O senso comum atribui a responsabilidade, pelo comportamento inadequado do aluno, somente à família; percebemos que os próprios educandos, em relação à (in) disciplina, responsabilizam seus colegas; noutras vezes, porém, atribuem-na à metodologia educacional, falta de organização da escola e mesmo forma como os alunos são tratados pela escola.

Na interpretação dos educadores a indisciplina significa algo comum, que está relacionada à falta de limites dos pais, ou falta de respeito à autoridade. Por fim acrescentam que é algo prejudicial à escola. Contudo, em momento algum mencionaram que a responsabilidade está somente nos educandos, ou em algum ponto relacionado à sua prática pedagógica. Demonstram que é preciso refletir sobre o que significa o fato de alguns alunos se comportarem em algumas aulas e em outras não. Ainda acenam para o que pode ser feito junto à coordenação pedagógica para que o problema da indisciplina possa ser minimizado.

O significado da indisciplina pode demonstrar feitiços até então ‘escondidos’, tais como forma de protestar contra as regras impostas, metodologia inadequada, falta de domínio do educador, problemas quanto à interpretação dos valores morais e éticos e ausência de limites.

As regras construídas (ou não) democraticamente precisam ser socializadas, bem como os dispositivos utilizados para ‘contê-la’, pois, na verdade os educandos estão num espaço privilegiado para exercitarem a cidadania, e nada mais justo do que usar a escola para que se efetive de fato tal aprendizagem.

Ao questionarmos os alunos sobre “como poderiam contribuir para a disciplina escolar”, foi surpreendente descobrir que eles têm consciência e ciência das atitudes positivas. Então, recorrendo aos dados observamos que a porcentagem dos 8% que responderam não saberem como contribuir para a disciplina, é a mesma porcentagem dos que responderam que se acham indisciplinados, são parte dos

46% que responderam que tratam os colegas como merecem, parcela também dos 28% que disseram que a agressividade é uma atitude normal.

O relacionamento familiar precisa ser valorizado e a parceria com a escola concretizada, pois, a árdua tarefa de educar consiste num trabalho de equipe, onde as noções de limites, valores humanos, éticos e morais são cultivados e desenvolvidos, contribuindo com a 'colocação' da disciplina, que colabora para um processo positivo de aprendizagem.

Percebemos que as consequências da indisciplina, elencadas pelos profissionais da educação, estão de acordo com os estudos sobre o tema. Apontam além do comprometimento do processo de ensino e aprendizagem a possibilidade de ocorrências futuras de atos irresponsáveis e infratores, haja vista os noticiários da mídia e redes de comunicação informar diariamente sobre casos de violências (dos mais diversos: doméstica, social, escolar, no trânsito, uso de drogas lícitas e ilícitas, consumo do álcool, etc.) que envolvem adolescentes (a maioria que evadiu-se da escola, ou que já possui um 'currículo' cheio de advertências!).

Quanto às regras e 'dispositivos' para 'conter a indisciplina, fatores primordiais para o estabelecimento da disciplina escolar, compreendemos que há um resultado interessante: a porcentagem maior que 50% não concordam com as regras estabelecidas; que em comparação com o significado de limites, 87% (a maioria) respondeu corretamente.

Verificamos, portanto, que a construção democrática das regras implica na aceitação destas pelos educandos, que já conscientes, poderão inclusive, determinar quais os dispositivos que poderiam ser utilizados nos casos de manifestação indisciplinar. Até porque, apesar de todo o aparato existente hoje, as escolas ainda enfrentam inúmeros desafios para tentar 'conter' a indisciplina' que assusta, quando não espanta, os que tentam simplesmente combatê-la.

Parafraseando Yves De Taille et al (2006) a ideia de combate, considera o aspecto de derrota, que por sua vez nos remete ao aspecto da superação, o que no caso da indisciplina, irá fortalecer-se para sempre contra-atacar, nos dando uma ideia de "guerra". Assim, teríamos vencedores e derrotados, o que definitivamente não se

aplica ao contexto escolar, pois, o papel da educação é o de auxiliar na formação de sujeitos críticos, independentes, criativos e responsáveis.

Concluimos que a indisciplina é algo recorrente das relações interpessoais, e que precisa ser tratada como uma temática que envolve múltiplas razões: sociais, culturais, familiares, econômicas, políticas e educacionais.

O fato de tentarmos desenvolver um trabalho embasado no ideário democrático – do respeito, diálogo, generosidade, responsabilidade e justiça, é o início da caminhada. Tentar inibir a indisciplina seria uma incoerência ou um equívoco, pois, estaríamos negando a existência dos seres humanos!

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11 ed. São Paulo: Summus, 1996
- BAUMAN, Z. O mal-estar d após-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. In: LA TAILLE, Yves de. et al. **Indisciplina / disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2005 e 2006.
- B, RUSH, Diante da Society for promoting political enquiries, in: N.K. Teeters, The Cradle of the Penitentiary, 1935. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCN's). Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2007.
- CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. Educação continuada: função essencial do coordenador pedagógico. In: GUIMARÃES, Ana Archangelo et al. **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 9-12.
- DOYLE, W. Classroom organization and mnagemente. In: Handbook of research on teachuing. A project of the American education. 3ªed. New York: Mac Millan, 1986. In: FREITAS, Jafer da Silva; CRUZ, Murilo Saes da. (In) Disciplina escolar e fatores sociais: uma reflexão. **Revista P@rtes**. São Paulo, set/2011.
- FERNÁNDEZ EGUITA, M. La escuela a examen. Eudema, Madri, 1990. In: FREITAS, Jafer da Silva; CRUZ, Murilo Saes da. (In) Disciplina escolar e fatores sociais: uma reflexão. **Revista P@rtes**. São Paulo, set/2011.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p.296. In: JUSTO, José Sterza. Escola no Epicentro da Crise Social. In: LA TAILLE, Yves de. et al. **Indisciplina / disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 23-54.
- FRANCO, Décio; RODRIGUES, Edna de A.; CAZELA, Moises M. **Tecnologia e Ferramentas de Gestão**. São Paulo: Alínea, 2009. PLT 148.
- FREITAS, Jafer da Silva; CRUZ, Murilo Saes da. (In) Disciplina escolar e fatores sociais: uma reflexão. **Revista P@rtes**. São Paulo, set/2011.
- GENTILE, Paola. Coordenador pedagógico: um profissional em busca de identidade. **Revista Nova Escola Gestão Escolar**. Edição 014, Jun/Jul. 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

GILLES DELEUZE, 1992. In: JUSTO, José Sterza. Escola no Epicentro da Crise Social. In: LA TAILLE, Yves de. et al. **Indisciplina / disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 23-54.

GIROUX, H. A escola crítica e a política cultural. 2ª ed. São Paulo: Cortez, autores associados, 1998. In: FREITAS, Jafer da Silva; CRUZ, Murilo Saes da. (In) Disciplina escolar e fatores sociais: uma reflexão. **Revista P@rtes**. São Paulo, set/2011.

GUIMARÃES, Ana Archangelo et al. **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

JUSTO, José Sterza. Escola no Epicentro da Crise Social. In: LA TAILLE, Yves de. et al. **Indisciplina / disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 23-54.

LA TAILLE, Yves de. et al. **Indisciplina / disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2005 e 2006.

\_\_\_\_\_. A indiscipline e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11 ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-24.

MABLY, G. de. De la legislation, Oeuvres complètes, 1789. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987.

PLACCO, Vera Maria N. de; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. (Org.). O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

REGO, T.C.R. A Indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11 ed. São Paulo: Summus, 1996. In: FREITAS, Jafer da Silva; CRUZ, Murilo Saes da. (In) Disciplina escolar e fatores sociais: uma reflexão. **Revista P@rtes**. São Paulo, set/2011.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMES, A.I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e Ação Sobre a Prática como Libertação Profissional dos Professores. In: Nóvoa, **A Profissão Professor**. Porto Editora, 1999, p.63-92.

SILVA, Nelson Pedro. Ética, (In) Disciplina e Relação Professor-aluno. In: In: LA TAILLE, Yves de. et al. **Indisciplina / disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 55-95.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, C. S. (In) **Disciplina: Construção da disciplina consciente e Interativa em sala de aula e na escola**. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2004.

## ANEXO 1

### QUESTIONÁRIOS

#### Categoria: Alunos

- ✓ De que forma você trata seus colegas?
- ✓ Você se acha indisciplinado? Por quê?
- ✓ O que acha da agressividade/ agressão física ou verbal em relação a alguém?
- ✓ Você concorda com as regras estabelecidas pela escola? E qual o significado da palavra limite?
- ✓ Como é o relacionamento com seus pais?
  
- ✓ Quais são as causas da indisciplina na escola?
  
- ✓ Enquanto aluno, como poderia contribuir com a disciplina na escola?

#### Categoria: Professores

- ✓ Quais os dispositivos utilizados para “conter” a indisciplina no cotidiano escolar?
- ✓ O que entendem e como encaram a indisciplina?
- ✓ Uma vez que a indisciplina gera desconfortos, como faz para mediar esta questão nas suas aulas?
- ✓ Quais os tipos de consequências que a indisciplina pode trazer ao contexto escolar e social?
- ✓ como entende o papel do coordenador pedagógico no cotidiano da escola, face à indisciplina?
- ✓ Em que medida a regência de classe pode contribuir para a (in) disciplina?

#### Categoria: Coordenadores

- ✓ Quais os desafios para serem refletidos no exercício dessa profissão?
- ✓ Qual o papel do coordenador na busca por uma educação de qualidade?
- ✓ A coordenação pedagógica contribui na melhoria da prática docente? Como?
- ✓ Descreva as funções ou práticas desenvolvidas por você enquanto coord. Pedagógico.



- ✓ Como atua o coordenador Pedagógico?
- ✓ O que é coordenação pedagógica?